

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

CAMPUS BAIXADA SANTISTA

INSTITUTO SAÚDE E SOCIEDADE

BEATRIZ DIAS GONÇALVES DA SILVA

AS INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS NO CONTEXTO HOSPITALAR:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E PERCEPÇÕES DE CONDUTORES DOS ANIMAIS

SANTOS

2019

BEATRIZ DIAS GONÇALVES DA SILVA

AS INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS NO CONTEXTO HOSPITALAR:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E PERCEPÇÕES DE CONDUTORES DOS ANIMAIS

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal de São Paulo apresentado ao curso de Psicologia, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Carine Savalli Redigolo

Coorientador: Prof.^a Dr.^a Laura Câmara Lima

SANTOS

2019

Ficha catalográfica elaborada por sistema automatizado com
os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

586i

Silva, Beatriz.

As Intervenções Assistidas por Animais no contexto hospitalar: Uma revisão bibliográfica e percepções de condutores de animai. / Beatriz Silva; Orientadora Carine Savalli; Coorientadora Laura Lima. -- Santos, 2019.

56 p. ; 30cm

TCC (Graduação - Psicologia) -- Instituto Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, 2019.

1. Psicologia da saúde. 2. Intervenção Assistida por Animais. 3. Interação Humano-Animal. I. Savalli, Carine, Orient. II. Lima, Laura, Coorient. III. Título.

CDD 150

BEATRIZ DIAS GONÇALVES DA SILVA

AS INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS NO CONTEXTO HOSPITALAR:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E PERCEPÇÕES DE CONDUTORES DOS ANIMAIS

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal de São Paulo apresentado ao curso de Psicologia, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

Aprovado em: 06/12/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Laura Câmara Lima (Coorientador)
Departamento de Saúde, Clínica e Instituições
Campus Baixada Santista – UNIFESP

Prof.^a Dr.^a Carla Cilene Baptista da Silva (Examinador)
Departamento de Saúde, Educação e Sociedade
Campus Baixada Santista – UNIFESP

Dedico este trabalho aos meus pais, que com todo carinho e esforço tornaram possível o sonho da minha graduação. Também dedico a todos os companheiros de quatro patas que passaram por minha vida, em especial a Luna.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado o dom da vida e ser meu refúgio durante toda essa caminhada.

Aos meus pais, que me possibilitaram estar fora de casa durante esses cinco anos, por todo amor, dedicação e confiança, sem eles não seria metade do que sou.

À minha família, em especial minha avó Maria e minha tia Aparecida, minhas mães do coração, por todos os ensinamentos, amor e carinho e a mim dedicados.

Agradeço ao meu namorado, Luca, por toda paciência, auxílio, apoio, afeto e companheirismo, que foram essenciais durante esses anos de distância física.

Às minhas amigas, Camila, Luísa e Kamilla, e as companheiras de república, Tayna, Giovana, Isabella e Giovanna, que vivenciaram junto a mim todas as conquistas e turbulências da vida universitária, tornando cada momento único e inesquecível. Vocês foram essenciais para que chegasse até aqui.

Agradeço a minha orientadora, Carine Savalli e a coorientadora Laura Câmara por aceitarem embarcar comigo nessa temática tão bonita, compartilhando seus saberes e acolhendo minhas angústias ao longo da pesquisa.

À examinadora Prof.^a Dr.^a Carla Cilene Baptista da Silva por aceitar o convite, trazendo para a discussão sua experiência e opinião, colaborando para o enriquecimento do trabalho.

Agradeço todos os mestres que cruzaram meu caminho durante a formação, contribuindo para que me tornasse a profissional que sou hoje.

RESUMO

Introdução: Acredita-se que os humanos se atraem por outras espécies de animais desde sua origem. Pesquisas apontam que para além da companhia, a interação com animais traz uma série de benefícios aos indivíduos, principalmente àqueles que passam por um processo de internação hospitalar. Nesse contexto as Interações Assistidas por Animais (IAA) são apontadas como uma forma de humanizar o ambiente, melhorar as relações interpessoais e o bem-estar, além de reduzir o estresse e a ansiedade. **Objetivo:** A presente pesquisa irá identificar publicações de estudos científicos na área da IAA no contexto hospitalar, a fim de verificar os possíveis efeitos do vínculo humano-animal neste ambiente. Busca-se também a percepção de condutores dos animais, profissionais que atuam na área, sobre as práticas realizadas, seus desafios e potencialidades. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa composta por duas fases, a primeira consiste na revisão bibliográfica da IAA no contexto hospitalar. A segunda é de caráter qualitativo, de cunho descritivo e exploratório, composta por entrevistas semiestruturadas com condutores dos animais que realizam a IAA. **Resultados:** Na revisão bibliográfica evidenciou-se o baixo número de publicações nacionais sobre o assunto. As pesquisas tiveram enfoque na população adulta e idosa, com os cães sendo empregados com maior frequência como animais coterapeutas. Na análise das entrevistas as categorias formadas dissertam sobre o trabalho de condutor, a relação com os pacientes, equipes de saúde e acompanhantes, os desafios do trabalho e a necessidade de uma regulamentação específica para as intervenções. Os dados encontrados na revisão de literatura foram semelhantes com os relatos dos condutores quanto aos benefícios da IAA. **Conclusão:** As Intervenções Assistidas por Animais se mostraram práticas eficazes para promover bem-estar e uma série de melhorias para pacientes, membros da equipe de saúde e acompanhantes, além de transformarem o ambiente hospitalar em um lugar mais humanizado. A presença do animal coterapeuta facilitou com que os pacientes tratassem de assuntos mais delicados, indicando a potencialidade das práticas para o trabalho do psicólogo.

Palavras-chave: Intervenção Assistida por Animais. Psicologia da saúde. Interação humano-animal

ABSTRACT

Introduction: It is believed that humans are attracted to another species of animals since their origin. Research indicates that beyond the company, interaction with animals brings a number of benefits to individuals, especially those who go through a hospitalization process. In this context, Animals Assisted Interventions (AAI) are a way of humanizing the environment, improving interpersonal relationships and well-being, as well as reducing stress and anxiety. Health team. **Objective:** This research will identify publications of scientific studies in the area of AAI in the hospital context, in order to verify the possible effects of the human-animal bond in this environment. We also seek the perception of animal handlers, professionals who work in the area, about the practices performed, their challenges and potentialities. **Methodology:** This is a research composed of two phases, the first consists in a literature review of the AAI in the hospital context, and the second is qualitative, descriptive and exploratory, consisting in semi-structured interviews with drivers of animals that perform the IAA. **Results:** The literature review showed the low number of national publications about the matter. Findings of the literature research showed highest prevalence of articles focused on the adult and elderly population, with dogs being most use as co-therapist animals. In the analysis of the interviews, the categories formed discuss the driver's work, the relationship with patients, with the staff members and the companions, the work challenges and the need for specific regulations for the interventions. The data found in the literature review were similar to the drivers' reports regarding the benefits of AAI. **Conclusion:** Animals-Assisted Interventions has proven to be effective practices for promoting well-being and a range of improvements for patients, health care staff and caregivers, and making the hospital environment a more humane place. The presence of the co-therapist animal made easier for patients to deal with more delicate questions, indicating the potentiality of these practices for the psychologist work.

Keywords: Animal Assisted Intervention. Health Psychology. Human-animal interaction

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Gráfico de pizza sobre os tipos de animais coterapeutas	220
Gráfico 2 - Gráfico de pizza sobre os tipos de hospitais	20
Gráfico 3 - Gráfico de barras sobre o tipo de população alvo	21
Quadro 1 - Descrição das publicações encontradas por título, autores, ano, tipo de animal coterapeuta, tamanho da amostra, população alvo, revistas e tipo de publicação.....	16
Quadro 2 - Dados demográficos dos condutores e tipo de população alvo visitada pelo projeto	22
Quadro 3 - Características procuradas e protocolo de saúde dos cães coterapeutas	23

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de publicações encontradas por ano	156
Tabela 2 - Características das intervenções de cada condutor.....	223

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2.1 As Intervenções Assistidas por Animais	5
2.2 Os animais participantes	6
2.3 As IAAs no contexto hospitalar.....	8
3 OBJETIVOS.....	10
3.1 Objetivo Geral.....	10
3.2 Objetivos específicos	10
4 MATERIAIS E MÉTODOS	11
4.1 Primeira fase – Revisão bibliográfica.....	12
4.2 Segunda fase – Entrevistas com condutores que atuam com IAA em contexto hospitalar.....	12
4.2.1 Participantes e procedimentos	12
4.2.2 Aspectos éticos	14
5 RESULTADOS.....	15
5.1 Revisão Bibliográfica	15
5.2 Entrevistas.....	21
5.2.1 Dados demográficos e caracterização dos projetos	21
5.2.2 Análise de conteúdo das entrevistas	23
5.2.2.1 Perfil do condutor	24
5.2.2.2 Resistências/desafios para o desenvolvimento do trabalho.....	26

5.2.2.3	A relação com a equipe de saúde.....	28
5.2.2.4	A reação dos pacientes	29
5.2.2.5	Os acompanhantes	30
5.2.2.6	O ambiente nas visitas	31
5.2.2.8	O trabalho de condutor	34
6.	DISCUSSÃO.....	36
7.	CONCLUSÃO	47
8.	REFERÊNCIAS	49
9.	APÊNDICES	55
a.	APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semiestruturada	55
b.	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	56

1. INTRODUÇÃO

A atração dos humanos por outros seres vivos é considerada inata, conforme o exposto pela teoria da biofilia (WILSON *apud* O'HAIRE, 2010). Segundo O'Haire (2010), o indivíduo não necessita necessariamente de um contato físico, sendo a observação de um outro ser vivo considerada suficiente para que o expectador experiencie uma sensação agradável, com efeito tranquilizante e relaxante.

De acordo com Savalli e Ades (2016), dentre as relações dos humanos com outras espécies uma das mais próximas se dá com o cão, visto que, além de amplamente conhecido, esse vínculo mostra-se cada vez mais importante na vida dos indivíduos. Ainda segundo os autores, o cão, primeiro animal a ser domesticado, teria iniciado sua relação de cooperação com os humanos há pelo menos 15 mil anos, conforme indicam fósseis. Diversos estudos apontam que, ao longo desse processo de domesticação, estes animais tornaram-se capazes de entender não somente gestos dos humanos, como apontar e olhar, mas conseguem também discriminar suas emoções, reagindo assim de maneira adequada (ALBUQUERQUE e CIARI, 2016).

Sabe-se que a interação com animais traz uma série de benefícios aos humanos para além da companhia. Pesquisas como as de Morrison (2007) e O'Haire (2010) indicam que a companhia de um animal de estimação reduz a mortalidade por doenças coronarianas, diminui o estresse e atua em fatores de risco psicológicos, além disso, melhora a resposta imune no combate a infecções. Ainda segundo O'Haire (2010), também há uma diminuição de despesas com a saúde, pois tutores de cães gastam menos com medicações e visitas ao médico. Ademais, por seu apoio incondicional e a ausência de julgamentos, os animais podem atuar como uma fonte de suporte social, reduzindo a solidão e facilitando a interação do tutor com outras pessoas (O'HAIRE, 2010).

2.1 As Intervenções Assistidas por Animais

Segundo Serpell (2006), a participação de animais como uma prática terapêutica tem início no século XVIII, com a sua introdução em instituições de saúde mental. No princípio a prática tinha a finalidade de auxiliar na socialização dos pacientes e humanizar o ambiente, distanciando a imagem de prisão que estas instituições carregavam naquela época (SERPELL, 2006). Conforme exposto por Rocha *et al.* (2016), a introdução de cães nas práticas terapêuticas se deu em um hospital dos Estados Unidos, que abrigava veteranos de guerra e soldados com doenças mentais, como uma forma de acolhimento e recreação, fornecendo companhia aos pacientes. No Brasil, Nise da Silveira foi uma das pioneiras na utilização de animais como forma de terapia, inserindo cães e gatos no hospital psiquiátrico como alternativa para aproximar os pacientes psicóticos do mundo real (ROCHA *et al.*, 2016).

Segundo Kruger e Serpell (2010), o termo Intervenções Assistidas por Animais (IAA) é utilizado de maneira mais geral, definindo qualquer intervenção que incorpore animais visando uma melhoria física, emocional, social ou cognitiva dos indivíduos envolvidos. Dentro das IAA dividem-se três grandes categorias de trabalho: a Terapia Assistida por Animais (TAA), as Atividades Assistidas por Animais (AAA) e a Educação Assistida por Animais (EAA).

A TAA é caracterizada por uma intervenção orientada por um objetivo específico em que o animal é uma parte do processo de tratamento, sendo pensada para cada indivíduo a fim de melhorar seu funcionamento cognitivo, social ou emocional. A prática deve ser organizada e realizada por um profissional da área da saúde, sendo registrada e tendo seus resultados continuamente avaliados (CHELLINI, 2016; KRUGER e SERPELL, 2010).

Já conforme Kruger e Serpell (2010), a AAA é definida como uma intervenção que busca melhorar a qualidade de vida dos sujeitos, podendo ser realizada em diversos ambientes, tanto por profissionais treinados, quanto por voluntários. Não é necessário um registro detalhado das atividades, pois as visitas são marcadas por conteúdos espontâneos, que não são obrigatoriamente avaliados (KRUGER e SERPELL, 2010). Por fim, a EAA engloba as intervenções de cunho pedagógico e educacionais (CHELLINI, 2016).

Segundo Albuquerque e Ciari (2016), o apego seria a chave do funcionamento das intervenções assistidas por animais, uma vez que, influenciaria positivamente tanto aspectos psicológicos, quanto fisiológicos. Esse sentimento que surge durante a interação humano-cão é semelhante àquele presente na relação mãe e bebê, o que explicaria os efeitos que o vínculo com o animal tem sobre os indivíduos, além dos comportamentos positivos demonstrados ao cuidar do cão. Estudos indicam que somente ao acariciar um cão os níveis de ocitocina, hormônio associado à criação e manutenção de vínculos afetivos, aumentam, enquanto os níveis de cortisol, um hormônio indicador de estresse, reduzem (SAVALLI e ADES, 2016).

2.2 Os animais participantes

Ao longo dos anos diferentes espécies de animais têm sido utilizadas como coterapeutas, nomenclatura usada pela equipe de intervenção para chamar os animais que realizam a visita. No início das práticas, século XVIII, animais como coelhos, galinhas e bovinos foram empregados em instituições de saúde mental, para que os pacientes tivessem uma atividade terapêutica de cuidado, que se mostrou também capaz de socializar os internos (ROCHA *et al.*, 2016).

Segundo Kawakami e Nakano (2002), os cães são os animais mais comumente utilizados nas intervenções, principalmente por sua relação próxima com os humanos, além disso, ressalta-se o fato de serem facilmente treináveis, reagirem bem ao toque e terem boa aceitabilidade pela maioria dos indivíduos. Entretanto, outras espécies como gatos, coelhos, porquinhos da índia, chinchilas, tartarugas, pássaros e até mesmo golfinhos podem ser igualmente adotadas nas atividades (KAWAKAMI e NAKANO, 2002; MORRISON, 2007). De acordo com Vaccari e Almeida (2007), os cavalos, também reconhecidos como animais de terapia, possuem uma denominação diferente para as intervenções que os empregam, sendo chamadas de Equoterapia. Esta prática é mais utilizada com pessoas com necessidades especiais ou limitações físicas/mentais, visando seu desenvolvimento motor e biopsicossocial (VACCARI e ALMEIDA, 2007).

Segundo Kawakami e Nakano (2002), para que o animal coterapeuta participe da interação é necessário que esteja saudável, devendo ser aprovado em rigorosos e variados exames, que são realizados periodicamente a fim de atestar e monitorar sua saúde. Para além disso, o animal deve ter um bom comportamento, ser sociável com desconhecidos, ter tolerância ao toque e aceitar o convívio com outros animais (KAWAKAMI e NAKANO, 2002). De acordo com Ichitani e Cunha (2016), no caso do cão, são realizados testes de temperamento, a fim de avaliar sua reação frente situações que podem ocorrer durante as interações, de treinabilidade e de obediência. Dos cães também é exigida vacinação atualizada para uma série de doenças, realização do controle de parasitas, ter tomado banho nas 24h antecedentes a visita e manter guias e coleiras sempre limpas (ICHITANI e CUNHA, 2016).

2.3 As IAAs no contexto hospitalar

Um dos possíveis locais em que a IAA pode ser utilizada é o hospital geral. Segundo Vaccari e Almeida (2007), esta prática auxilia na redução do tempo de internação além de interferir no humor dos profissionais que ali atuam. Com isto, a intervenção ajuda a humanizar o ambiente hospitalar, melhorando as relações interpessoais e facilitando a comunicação entre a equipe e paciente acompanhado, principalmente quando se trata de crianças.

Pesquisas como a de Morrison (2007) têm explorado os benefícios que as intervenções trazem para os indivíduos hospitalizados, dentre eles está a redução do estresse e a melhora no bem-estar de pacientes internados em cardiologia pediátrica, assim como de seus acompanhantes. Ainda se tratando de pacientes pediátricos, mas que desta vez apresentavam dor pós-operatória, a visita de cães diminuiu consideravelmente a dor física e emocional referidas por eles.

Conforme exposto por Kobayashi *et al.* (2009), movimentos como escovar e segurar o animal, que são realizados durante a IAA ajudam a melhorar a coordenação motora fina, o equilíbrio e a sustentação dos pacientes. Para além das atividades de lazer, as visitas reduzem a solidão e a ansiedade, além de aumentarem a interação verbal e a capacidade de atenção, fornecendo motivação para a participação de atividades em grupo e promovendo socialização.

Segundo Vaccari e Almeida (2007), crianças que passaram por intervenções com animais como porquinhos da índia, chinchilas, cães e tartarugas puderam se expressar melhor após o encontro, ficando mais relaxadas. Além disso, observou-se que a desinibição proporcionada pelos animais deixou os procedimentos mais colaborativos.

A hospitalização é um evento estressante na vida da criança, que se sente insegura e ansiosa frente ao ambiente hospitalar e aos procedimentos que é submetida. O uso da AAA em

uma pesquisa sobre percepção da dor em crianças e adolescentes internados revelou que a prática reduziu significativamente a percepção da dor por parte dos participantes, podendo diminuir o uso de analgésicos, gerando menores riscos de efeitos adversos. O aumento da produção de hormônios relacionados a sensação de bem-estar que ocorre ao acariciar um cão podem ser uma explicação para o achado. Contudo, a autora sugere que a atividade seja empregada como uma terapia complementar, sem substituir a utilização dos fármacos (ICHITANI e CUNHA, 2016).

Segundo o apresentado por Abrahamson *et al.* (2016), na percepção da equipe, a intervenção assistida por cães forneceu mais do que companhia para os pacientes, promoveu um aumento na interação, proporcionou conforto e a diminuição do estresse, considerando também uma melhora na experiência do processo de internação dos indivíduos. Ademais, houve, por parte da equipe, um aumento do relaxamento e da sensação de felicidade, tanto durante as visitas, quanto ao pensar sobre elas.

Conforme apontam todos estes estudos, as Intervenções Assistidas por Animais desempenham um papel importante no ambiente hospitalar, trazendo uma série de benefícios aos pacientes, familiares e a equipe. Apesar do reconhecimento dos efeitos na subjetividade dos indivíduos que as visitas proporcionam, ainda são escassos os estudos que trazem, sob a ótica da psicologia, as vantagens desse tipo de prática no contexto hospitalar, além das suas repercussões no processo de adoecimento dos sujeitos hospitalizados.

Desta forma, buscou-se com esta pesquisa uma revisão sobre as Intervenções Assistidas por Animais, apontando o que vem sendo produzido e analisando o material com as possíveis contribuições que a psicologia pode trazer às práticas. Além disso, pretende-se ressaltar a importância de ouvir os profissionais que atuam na área, pois são eles, em conjunto com animal, quem tem contato direto com os pacientes, podendo ter uma perspectiva diferente sobre a maneira que as intervenções impactam os indivíduos.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Pesquisar e identificar publicações de estudos científicos na área das Intervenções Assistidas por Animais no contexto hospitalar, a fim de verificar os possíveis efeitos do vínculo humano-animal neste ambiente. Além disso, busca-se por meio das entrevistas a percepção dos condutores dos animais, profissionais que atuam na área das IAAs, sobre as práticas realizadas, verificando os desafios e potencialidades deste tipo de trabalho.

3.2 Objetivos específicos

- Identificar e analisar a produção científica dos últimos dez anos sobre as Intervenções Assistidas por Animais no ambiente hospitalar e quais seriam as contribuições da psicologia nestes trabalhos;
- Descrever e analisar a percepção das intervenções sob a ótica dos condutores dos cães. Além de pensar as dificuldades e potencialidades que estes observam no trabalho desenvolvido no hospital;
- Refletir sobre as possibilidades de intervenção da psicologia nas interações assistidas, tanto com os pacientes, acompanhantes e profissionais do hospital, quanto com os condutores e a equipe que promove as intervenções.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa composta por duas fases, a primeira consiste na revisão bibliográfica das Intervenções Assistidas por Animais no contexto hospitalar. Segundo Marconi e Lakatos (2010) a revisão bibliográfica permite ao pesquisador o contato com tudo que já foi publicado sobre determinado tema, possibilitando novos olhares e perspectivas sobre o assunto, podendo levar a novas conclusões e apontamentos.

Já a segunda fase foi composta por entrevistas semiestruturadas (as perguntas norteadoras estão apresentadas no Apêndice A) com três condutores dos animais que realizam a IAA, é de caráter qualitativo, de cunho descritivo e exploratório, que tem como finalidade compreender os impactos desta prática no ambiente hospitalar e nos pacientes atendidos, além de verificar os principais desafios encontrados para a realização das intervenções, assim como suas potencialidades. Conforme ressaltado por Turato (2013), a pesquisa qualitativa permite a compreensão de comportamentos, interpretações e significados que o entrevistado dá aos fenômenos, valorizando o conhecimento dos sujeitos que vivenciam as situações

Uma das ferramentas da pesquisa qualitativa são as entrevistas, que possibilitam a obtenção de dados subjetivos que não são possíveis com métodos quantitativos. As entrevistas semiestruturadas consistem em conjunto de perguntas abertas e fechadas, nas quais o sujeito consegue tratar sobre o tema de maneira mais natural, como em uma conversa. Um roteiro de entrevista é necessário para organizar, da maneira mais abrangente possível, as questões que serão abordadas, auxiliando o pesquisador a não se perder durante a fala do entrevistado. Na entrevista semiestruturada o entrevistador tem mais liberdade para esclarecer determinados pontos e dirigir a entrevista para que não fuja do assunto investigado, porém, sem perder respostas espontâneas, que podem ser de grande importância para a pesquisa (BONI e QUARESMA, 2005; MINAYO, 2014).

4.1 Primeira fase – Revisão bibliográfica

Na revisão bibliográfica as buscas foram realizadas nas bases de dados das bibliotecas virtuais Bireme, Scielo, PubMed e Lilacs, considerando os últimos dez anos (de 2009 a 2019) de publicações. Foram analisadas literaturas nacionais e internacionais que continham as palavras chave “psicologia hospitalar”, “intervenção/terapia/atividade assistida por animais”. Em inglês foram pesquisadas as combinações “clinical psychology”, “hospital psychology” e “animal assisted intervention/therapy/activities”.

Para a revisão bibliográfica foram apresentadas tabelas contendo informações relevantes sobre as publicações encontradas, como tipo de intervenção, público alvo e tipo de animal coterapeuta, assim como a frequência de estudos nacionais e internacionais.

4.2 Segunda fase – Entrevistas com condutores que atuam com IAA em contexto hospitalar

4.2.1 Participantes e procedimentos

Participaram deste estudo 3 profissionais que atuavam como voluntários na condução dos animais em projetos de IAA. Um dos condutores executava a TAA e os outros dois realizavam AAA, todos atuavam em hospitais da cidade de São Paulo. Dois participantes ainda atuavam em intervenções no ambiente hospitalar e um havia interrompido o trabalho há alguns anos. O contato foi realizado diretamente com os indivíduos, com ferramentas como e-mails. Ao aceitarem participar da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido – TCLE (Apêndice B). O foco das análises não são as atividades realizadas nos projetos e números de encontros, mas sim o trabalho de condutor de um modo mais amplo.

De maneira geral, o condutor é o profissional responsável por guiar o animal coterapeuta durante a visita. É ele quem entra com o animal nos quartos, o posiciona para a intervenção e quem caminha com ele nos corredores. Não é obrigatório que o condutor seja o tutor do animal coterapeuta, porém, na grande maioria dos casos, o profissional é o dono do animal que conduz.

As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade dos condutores, em local de sua preferência, com o tempo médio de duração de 40 minutos para cada. Todas as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas para organização e análise dos dados.

Após efetuar as transcrições das entrevistas na íntegra, aplicou-se a técnica de análise de conteúdo, conforme proposto por Turato (2013), onde o *corpus*, composto pelas entrevistas transcritas, demais informações e observações foram submetidos a uma pré-análise. Após esta primeira etapa, por meio da leitura flutuante, obteve-se as categorias e subcategorias, onde os dados foram agrupados por repetição, destacando-se os temas que tiveram maior reincidência e relevância nos discursos, ressaltando falas consideradas “ricas em conteúdo a confirmar ou refutar hipóteses iniciais da investigação” (TURATO, 2013, p. 446). Com isso, a terceira etapa consiste na interpretação das categorias/subcategorias obtidas anteriormente.

Para formar as categorias buscou-se nas falas dos entrevistados conteúdos comuns a todos, acerca das questões norteadoras da entrevista. As hipóteses iniciais eram de que haveria um perfil semelhante entre os condutores e a presença de animais no hospital provocaria alguma resistência na equipe do hospital, acompanhantes ou próprios pacientes. Também se acreditava que a presença dos animais modificaria o ambiente hospitalar, assim como provocaria melhorias no humor e comportamento dos pacientes visitados. Uma das categorias que

emergiu na análise das entrevistas e que não foi pensada nas hipóteses iniciais foi a regulamentação da IAA.

4.2.2 Aspectos éticos

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP, por meio da Plataforma Brasil, seguindo a resolução 466/12 de 12/12 de 2012 tendo como número de parecer: 3.317.663. O início da fase de entrevistas se deu somente após a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP, sendo realizado exclusivamente com aqueles que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, garantindo que os participantes tivessem conhecimento sobre a pesquisa em questão. Além disso, os entrevistados puderam desistir da participação em qualquer momento que julgaram oportuno, e tiveram seus dados mantidos em sigilo. Seus nomes foram alterados na apresentação dos resultados para garantir o anonimato.

5 RESULTADOS

5.1 Revisão Bibliográfica

Após pesquisas nas bases de dados das bibliotecas virtuais Bireme, Scielo, PubMed e Lilacs encontrou-se 24 publicações. Foram incluídos materiais entre os anos 2009 e 2019, que estivessem em inglês ou português. Excluíram-se bibliografias cujo resumo não estivesse disponível para a leitura. Além disso, inclui-se somente estudos cujo ambiente das intervenções fosse o hospital. Com a bibliografia levantada construíram-se tabelas descritivas com as principais informações dos estudos, que serão apresentadas a seguir.

Na tabela 1, onde estão organizados os estudos conforme o ano de publicação, se percebe uma maior concentração de publicações no ano de 2016, seguido por 2017 e 2018. Não foram encontradas publicações nos anos de 2010 e 2011.

Tabela 1 - Número de publicações encontradas por ano

Ano de publicação	Número de publicações encontradas
2009	1
2012	2
2013	2
2014	2
2015	3
2016	5
2017	4
2018	4
2019	1
Total	24

Fonte: SILVA (2019)

Quadro 1 - Descrição das publicações encontradas por título, autores, ano, tipo de animal coterapeuta, tamanho da amostra, população alvo, revistas e tipo de publicação

	Título	Autor da publicação	Ano	Tipo de Animal	Amostra	População Alvo	Revistas	Tipos de publicação
1	Animal-Assisted Activities: Results From a Survey of Top-Ranked Pediatric Oncology Hospitals	Chubak, J.; Hawkes, R.	2016	Cão, gato e mini cavalo	N=18	Crianças em tratamento oncológico	Journal of Pediatric Oncology Nursing	Internacional
2	Terapia assistida com cães em pediatria oncológica: percepção de pais e enfermeiros	Moreira, R. L.; Gubert, F. A.; Sabino, L. M. M.; Benevides, J. L.; Tomé, M. A. B. G.; Martins, M. C.; Brito, M. A.	2016	Cão	N=16	Profissionais da equipe de enfermagem e responsáveis/familiares de crianças e adolescentes com câncer	Revista Brasileira de Enfermagem	Nacional
3	Complementary medicine in cancer care: adding a therapy dog to the team.	Marcus, D. A.	2012	Cão	-	Revisão de literatura	Current Pain and Headache Reports	Internacional
4	Effects of Animal-assisted Activities on Biobehavioral Stress Responses in Hospitalized Children: A Randomized Controlled Study	Branson, S. M.; Boss, L.; Padhye, N. S.; Trötscher, T.; Ward, A.	2017	Cão	N=48	Crianças e adolescentes Hospitalizadas por diferentes motivos	Journal of Pediatric Nursing	Internacional
5	Effects of VA Facility Dog on Hospitalized Veterans Seen by a Palliative Care Psychologist: An Innovative Approach to Impacting Stress Indicators	Krause-Parello, C. A.; Levy, C.; Holman, E.; Kolassa, J. E.	2018	Cão	N=25	Militares aposentados em cuidados paliativos	American Journal of Hospice and Palliative Medicine	Internacional
6	Can presence of a dog reduce pain and distress in children during venipuncture?	Vagnoli, L.; Caprilli, S.; Vernucci, C.; Zagni, S.; Mugnai, F.; Messeri, A.	2015	Cão	N=50	Crianças submetidas a punção venosa em hospital	Pain Management Nursin	Internacional

	Título	Autor da publicação	Ano	Tipo de Animal	Amostra	População Alvo	Revistas	Tipos de publicação
7	Distress among hospitalized pediatric cancer patients modified by pet-therapy intervention to improve quality of life	Urbanski, B. L.; Lazenby, M.	2012	Cão	N= 6	Revisão integrativa sobre angústia em pacientes pediátricos oncológicos	Journal of Pediatric Oncology Nursing	Internacional
8	Animal-assisted therapy with chronic psychiatric inpatients: equine-assisted psychotherapy and aggressive behavior	Nurenberg, J. R.; Schleifer, S. J.; Shaffer, T. M.; Yellin, M.; Desai, P. J.; Amin, R.; Bouchard, A.; Montalvo, C.	2015	Cão e cavalo	N=90	Pacientes psiquiátricos em internação com comportamento agressivo	Psychiatric Services	Internacional
9	Use of a Dog Visitation Program to Improve Patient Satisfaction in Trauma Patients	Stevens, P.; Kepros, J. P.; Mosher, B. D.	2017	Cão	N=150	Pacientes internados por trauma	Journal of Trauma Nursing	Internacional
10	Animal-assisted therapy for inpatient adults.	Phung, A.; Joyce, C.; Ambutas, S.; Browning, M.; Fogg, L.; Christopher, B. A.; Inundação, S.	2017	Cão	N=128	Adultos hospitalizados por diferentes motivos	Nursing	Internacional
11	Can Therapy Dogs Improve Pain and Satisfaction After Total Joint Arthroplasty? A Randomized Controlled Trial	Harper, C. M.; Dong, Y.; Thornhill, T. S.; Wright, J.; Ready, J.; Brick, G. W.; Dyer, G.	2014	Cão	N=72	Pacientes internados após artroplastia total da articulação do joelho ou quadril	Clinical Orthopedics and Related Research	Internacional
12	The effect of animal-assisted activity on inpatients with schizophrenia	Chu, C.; Liu, C.; Sun, C.; Lin, J.	2009	Cão	N=30	Adultos com esquizofrenia internados em hospitais psiquiátricos	Journal of Psychosocial Nursing & Mental Health Services	Internacional
13	Pilot Study of Therapy Dog Visits for Inpatient Youth With Cancer	Chubak, J.; Hawkes, R.; Dudzik, C.; Foose-Foster, J. M.; Eaton, L.; Johnson, R. H.; Macpherson, C.	2017	Cão	N=19	Crianças e adolescentes com câncer	Journal of Pediatric Oncology Nursing	Internacional

	Título	Autor da publicação	Ano	Tipo de Animal	Amostra	População Alvo	Revistas	Tipos de publicação
14	Perceptions of a hospital-based animal assisted intervention program: An exploratory study.	Abrahamson, K.; Cai, Y.; Richards, E.; Cline, K.; O'Haire, M. E.	2016	Cão	N=9	Funcionários e voluntários do hospital que tinham contato com os animais em seu expediente de trabalho	Complementary Therapies in Clinical Practice	Internacional
15	Effects of animal-assisted activity on self-reported feelings of pain in hospitalized children and adolescents	Ichitani, T.; Cunha, M. C.	2016	Cão	N=17	Crianças e adolescentes que se queixavam de dor	Psicologia: Reflexão e Crítica	Nacional
16	Pet therapy program for antepartum high-risk pregnancies: a pilot study.	Lynch, C.E.; Magann, E. F.; Barringer, S. N.; Ounpraseuth, S. T.; Lewis, S. D; Stowe, Z. N.A	2014	Cão	N=82	Grávidas de alto risco	Journal of Perinatology	Internacional
17	Staff members' perceptions of an animal-assisted activity.	Bibbo, J.	2013	Cão	N=34	Membros da equipe de um hospital em que a AAA seria instalada	Oncology Nursing Forum	Internacional
18	A meta-analysis of Animal Assisted Interventions targeting pain, anxiety and distress in medical settings	Waite, T. C.; Hamilton, L.; O'Brien, W.	2018	Cão	N=22	Revisão de literatura sobre a IAA	Complementary Therapies in Clinical Practice	Internacional
19	Companion animals and well-being in palliative care nursing: a literature review	Macdonald, J. M.; Barrett, D.	2016	–	N=4	Revisão de literatura sobre animais de companhia e TAA em pacientes assistidos por cuidados paliativos	Journal of Clinical Nursing	Internacional

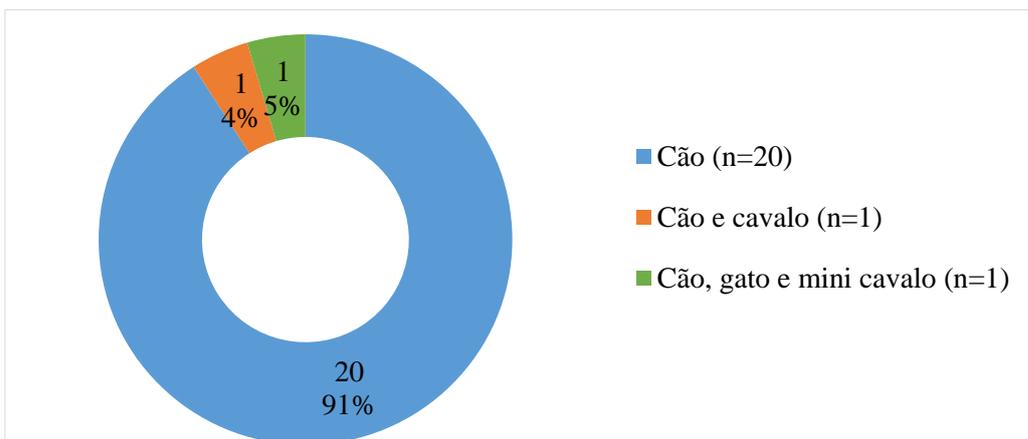
	Título	Autor da publicação	Ano	Tipo de Animal	Amostra	População Alvo	Revistas	Tipos de publicação
20	Impact of an animal-assisted therapy programme on physiological and psychosocial variables of paediatric oncology patients	Silva, N.; Osório, F.	2018	Cão	N=24	Crianças em tratamento oncológico	PLoS One	Internacional
21	Animal-Facilitated Therapy Program: Outcomes from Caring Canines, a Program for Patients and Staff on an Inpatient Surgical Oncology Unit	Ginex, P.; Montefusco, M.; Zecco, G.; Trocchia, N. M.; Burns, J.; Hedalsiegel, J.; Kopelman, J.; Tan, K. S.	2018	Cão	N=141	Pacientes e funcionários em uma unidade de oncologia cirúrgica	Clinical journal of oncology nursing	Internacional
22	The use of Animal-Assisted Therapy in adolescents with acute mental disorders: A randomized controlled study.	Stefanini, M. C.; Martino, A.; Allori, P.; Galeotti, F.; Tani, F.	2015	Cão	N=34	Crianças e adolescentes com transtorno psiquiátrico	Complementary Therapies in Clinical Practice	Internacional
23	Animal-assisted therapy: paws with a cause.	Ernst, Lorraine S.;	2013	–	–	Revisão sobre a TAA e diretrizes para desenvolvimento de um programa	Nursing Management	Internacional
24	The Effect of a Pet Therapy and Comparison Intervention on Anxiety in Hospitalized Children	Hinic, Katherine; Kowalski, Mildred Ortu; Holtzman, Kristin; Mobus, Krist.	2019	Cão	N=93	Crianças e adolescentes hospitalizados em unidade de pediatria geral	Journal of Pediatric Nursing	Internacional

Fonte: SILVA (2019)

De acordo com o quadro 1, somente um estudo encontrado foi publicado em uma revista específica da área de Psicologia, predominando publicações da área de enfermagem. A maior parte das pesquisas foram experimentais, constando apenas cinco revisões de literatura, uma

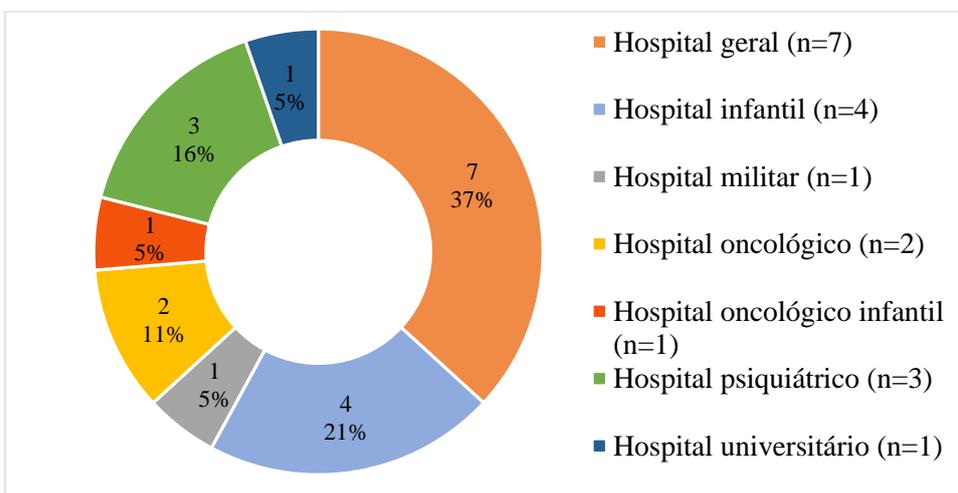
delas com acesso apenas ao resumo e não à publicação completa. O número da amostra apresentou bastante variação, tendo como mínimo 4 e máximo 150. Somente duas das 24 publicações eram nacionais, predominando estudos internacionais.

Gráfico 1 - Gráfico de pizza sobre os tipos de animais coterapeutas



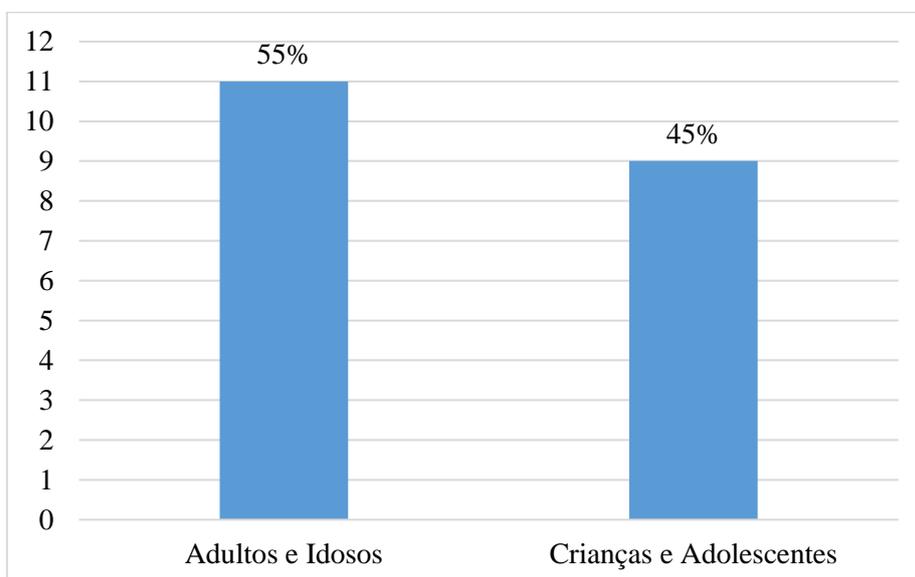
Como visto no Gráfico 1, das 24 publicações, 22 especificavam os animais utilizados como coterapeutas nas intervenções. Entre elas, o cão foi majoritariamente o animal mais empregado nos estudos. As pesquisas que não traziam a informação eram revisões de literatura.

Gráfico 2 - Gráfico de pizza sobre os tipos de hospitais



Assim como no caso dos animais, nem todos os estudos especificaram em qual tipo de hospital ocorreram as intervenções e qual a faixa etária da amostra. Conforme o apresentado no Gráfico 2, entre os 19 estudos que continham essa informação em 37% das publicações o contexto da intervenção foi o hospital geral, seguido de hospital infantil (21%) e psiquiátrico (16%). No Gráfico 3, sobre os tipos de população alvo, predominou o público adulto e idoso (55%), seguido por crianças e adolescentes (45%).

Gráfico 3 - Gráfico de barras sobre o tipo de população alvo



5.2 Entrevistas

5.2.1 Dados demográficos e caracterização dos projetos

Na segunda etapa da pesquisa foi realizada a análise das entrevistas semiestruturadas feitas com três condutores que atuam ou já atuaram na área de IAA no contexto hospitalar. No quadro 2 são apresentadas as características demográficas dos profissionais e as populações alvo

visitadas. Conforme o exposto, todos profissionais atuam na área de intervenção assistida há mais de 10 anos, com projetos em populações de crianças, adolescentes e adultos.

Quadro 2 - Dados demográficos dos condutores e tipo de população alvo visitada pelo projeto dos entrevistados

Condutor	Sexo	Idade	Profissão	Tempo de atuação na área	População alvo do projeto dos entrevistados
C1	Masculino	39 anos	Fisioterapeuta	15 anos	Crianças, adolescentes e adultos.
C2	Feminino	40 anos	Psicóloga	10 anos	Crianças; adolescentes e adultos.
C3	Feminino	56 anos	Psicóloga	15 anos	Crianças; adolescentes e adultos.

Fonte: SILVA (2019)

Na tabela 2 encontram-se as características das intervenções. O tempo médio de duração variou de 45 a 50 minutos, contando tanto com equipes menores, de 7 a 12 membros, quanto com um número maior de colaboradores, 62 membros. O número de cães variou da mesma maneira, indo de 6 a até 37 animais.

Tabela 2 - Características das intervenções de cada condutor

Condutor	Duração média da intervenção	Nº de pessoas participantes do projeto	Nº de cães coterapeutas do projeto
C1	50 minutos	7	7
C2	45 minutos	62	37
C3	50 minutos	12	6

Fonte: SILVA (2019)

Já no quadro 3 estão concentradas as características necessárias em um cão coterapeuta, sendo a sociabilidade a mais esperada. No protocolo de saúde a vacinação atualizada e a avaliação de saúde do animal são exigidas por todos os condutores e seus projetos.

Quadro 3 - Características procuradas e protocolo de saúde dos cães coterapeutas

Condutor	Características principais de um cão coterapeuta	Protocolo de saúde dos cães
C1	Não reagir agressivamente a nenhum tipo de estímulo; ser educado, não pular e latir; ser bem socializado com pessoas e ambientes; gostar de ter contato com pessoas; saber comandos básicos	Os cães passam por avaliação de saúde e comportamento; devem estar com todas as vacinas atualizadas; o exame parasitológico é realizado a cada três meses; banho quinzenal; um atestado médico veterinário deve ser apresentado junto com os exames a cada três meses
C2	Ser muito sociável com cães e pessoas; mínimo de 1 ano e 6 meses e máximo de 6 anos e 11 meses;	O cão deve ser saudável; estar com as vacinas atualizadas; ser castrado; ter boa capacitação física no geral
C3	Ser sociável com pessoas; estar habituado a diferentes estímulos visuais, auditivos, olfativos e táteis.	Os cães devem realizar um protocolo de saúde; estar com as vacinas atualizadas; fazem exame coproparasitológico quadrimestralmente; devem tomar banho até 24h antes da visita

Fonte: SILVA (2019)

5.2.2 Análise de conteúdo das entrevistas

Após a leitura flutuante das três entrevistas transcritas, formaram-se oito categorias de análise, que serão descritas a seguir. Para a construção das categorias buscou-se assuntos que se repetissem nas falas dos entrevistados. Por se tratar de um estudo de caráter exploratório, questões que não se repetiram em todos os entrevistados também foram consideradas, uma vez que mostraram-se relevantes para a discussão da temática. Para ilustrar as categorias definidas foram selecionadas falas dos condutores.

5.2.2.1 Perfil do condutor

Esta categoria se deu pela descrição de características que os entrevistados classificaram como importantes para um condutor. Também surgiram questões comuns aos condutores sobre o trabalho voluntário, relacionadas ao perfil de indivíduos que buscam os projetos, na grande maioria das vezes com seus cães, para se candidatarem a condutores.

O entrevistado C1 falou sobre uma particularidade de seu projeto, que por se tratar de TAA, deve contar com condutores exclusivamente da área da saúde: *“A gente vai trabalhar muito nessa questão terapêutica, e eu não posso exigir o conhecimento, conhecimentos mais específicos de pessoas que não são da área da saúde humana”*. Quando perguntado sobre características de personalidade que consideraria importantes, relatou sobre o imaginário que alguns indivíduos detêm sobre o que seria o trabalho voluntário: *“Entender que isso é um trabalho e não é uma caridade, e aí tem este perfil sim, né, que é você entender o que é um voluntariado, como ele funciona”*. Além disso, o entrevistado ressalta que alguns indivíduos procuram o trabalho por gostar de animais, e que acabam não se dando conta de que ele se dá com pessoas: *“Esse trabalho tem que ser para pessoas que gostam de pessoas, porque ela vai trabalhar com pessoas utilizando animal como um meio, né. Então, lógico tem que gostar, é ótimo que goste de animais, mas o foco do nosso trabalho são pessoas e não cães.”*

Já o entrevistado C2 falou da importância de o condutor conhecer o cão com quem atua: *“Tem que ter o cuidado com o animal, tem que saber um pouco da parte comportamental, por isso que a gente faz as capacitações também”*. A respeito das capacitações, o entrevistado conta sobre a preocupação com a vida do cão em casa: *“Tem que ter uma rotina saudável em casa, então se o cachorro fica sozinho muito tempo, puts será que é bom para ele? Não, tem que ter enriquecimento ambiental. Então a gente traz muita informação para eles, eu não sei se todo mundo aplica, mas a gente fala que um bom cão de terapia tem uma vida saudável também”*.

Além do treinamento sobre o comportamento do cão, os candidatos a condutores também recebem informações sobre o tipo de público com quem irão trabalhar: *“Quem nunca teve contato com essas pacientes (adolescentes com bulimia) precisa saber o que que acontece, o que se passar na cabeça dessas pessoas, como é que lida, para não falar nenhuma coisa que prejudique o tratamento da pessoa, né”*. Ainda segundo o entrevistado, a questão do voluntariado como uma forma de redenção é comum na procura de condutores: *“Tem gente que fala assim: ‘não eu vim me curar, porque me falaram que eu tenho depressão e a minha depressão pode ser curada com trabalho voluntário’. Não, você tem que se tratar em outro lugar e você tem que estar bem para poder cuidar de outras pessoas”*.

O entrevistado C3 também ressaltou a importância de o condutor conhecer bem o cão que acompanha: *“Ele precisa aprender a ler o cachorro, porque a grande função dele é cuidar do cachorro. Em tese se eu tenho uma equipe que está trabalhando, tenho os profissionais que estão ali para olhar o paciente e eu tenho o condutor que está ali para cuidar do cachorro, para posicionar o cachorro no lugar certo, ver se o cachorro não está sofrendo situação de estresse, se o cachorro está bem, se o cachorro está acomodado, se o cachorro está sendo bem tratado”*. Assim como C2, o entrevistado também considera importante o conhecimento sobre a patologia que irá lidar: *“Eu acho que é fundamental que o condutor conheça a patologia com a qual ele pretende trabalhar e saiba se tem estrutura emocional para isso”*.

A última característica citada por C3 é o ego maleável, que explica como: *“Ele precisa entender qual é a finalidade do trabalho, qual é o objetivo do trabalho, muitas vezes a pessoa precisa tirar o cachorro daquela ação [...] e aí as pessoas sentem seus egos feridos porque o meu cachorro saiu, porque tirou, e aí você tira um cachorro e você tem que pôr outro lugar, e você vai pôr o cachorro de resguardo, que em geral são os dos terapeutas, que é o cachorro que a gente tem certeza do que vai fazer e de como vai conduzir”*.

5.2.2.2 Resistências/desafios para o desenvolvimento do trabalho

A categoria foi formada por falas dos entrevistados a respeito dos entraves e dificuldades na realização do projeto em hospitais. A desinformação a respeito da contaminação e potencialidades do trabalho de IAA estiveram presentes nas falas de todos os entrevistados. Além disso, também chamou a atenção a questão financeira, uma vez que os projetos pertencem a Organizações Não Governamentais (ONG).

O entrevistado C1 traz como um desafio a falta de informação dos Centros de Controle de Infecção Hospitalar, que é o departamento responsável por bloquear ou liberar a entrada do projeto, dizendo que: *“Nossa maior resistência é o preconceito e a falta de conhecimento do trabalho, né, a partir do momento que a gente consegue romper essa barreira e informar e, enfim, trazer provas científicas de que o risco que os cães oferecem é mínimo, e que existem riscos bem mais consideráveis dentro do ambiente hospitalar, inclusive até para os próprios cães [...]a coisa fica um pouco mais fácil”*.

Para C2, a falta de informação também é uma das resistências: *“Dentro de uma instituição hospitalar o cachorro não é unanimidade, tem médico que fala ‘nossa que absurdo isso que vocês fazem, é sujo’ [...]. Então assim a gente tinha a ideia lá no começo de que não, que era tranquilo, né, se tem algum responsável de um hospital que pediu para a gente ir lá então significa que está todo mundo 100% de acordo, e não, é mentira, porque no começo a gente tomou muita bronca de médico”*.

Além disso, segundo C2 há a questão financeira, um desafio para o desenvolvimento do projeto: *“ A gente é uma ONG, é uma empresa, a gente paga imposto todo mês, a gente paga advogado, a gente tem a manutenção do site, a gente tem a parte comercial, tem um monte de*

despesa [...]. Aí a gente fala: 'a gente precisa mandar um orçamento' e aí eles param de falar com você, porque aí tem outra pessoa que faz de graça, e a gente fica pensando como que essa pessoa consegue? ”.

Assim como os outros entrevistados, para C3 a ausência de conhecimento também é uma resistência importante: *“Eu acho que a grande resistência está ligada a desinformação, de as pessoas entenderem que o cachorro, [...] não é um ser altamente contaminado e que vai comprometer a questão higiênica do hospital. Aliás o inverso é muito mais perigoso o cachorro sair contaminado de um ambiente hospitalar é muito mais fácil do que o cachorro levar alguma coisa”.*

Ainda sobre a questão da contaminação, o entrevistado C3 traz uma reflexão importante: *“ As pessoas fazem um escarcéu por causa de um cão dentro de um ambiente hospitalar, e vão com aquela bendita daquela gravata, ou com aquelas pulseiras, ou com aquele colar que muitas vezes as doutoras usam. Não tem nada de errado, mas aquele colar ele não sai do pescoço da doutora para ser higienizado, ele sai do pescoço da doutora para dentro de uma gaveta e volta para o pescoço da doutora x tempo depois”.*

Para além da desinformação sobre a contaminação do ambiente hospitalar, o entrevistado C3 ressalta um outro tipo de falta de informação que gera resistência: *“A segunda também é desconhecimento, é entender os benefícios, é perceber o quanto de apoio emocional que esses animais podem conduzir para dentro de um ambiente hospitalar, o quanto de humanização que se consegue quando você tem um animal, né, parece um paradoxo, você consegue humanização hospitalar com um bicho. [...] As curas, elas não são exclusivas das medicações, que a gente consegue potencializar um medicamento com aspecto humano”.*

5.2.2.3 A relação com a equipe de saúde

O tipo de relacionamento com a equipe e o modo como esta percebe o trabalho também foi abordado por todos os entrevistados. Na maior parte das vezes a relação foi classificada como positiva, mas também houveram casos de desconfiança por parte de alguns indivíduos. Cabe ressaltar que um dos condutores fala sobre a equipe como mais uma das beneficiadas pela IAA, para além dos pacientes.

A respeito da relação com a equipe de saúde do hospital, o entrevistado C1 afirma que o relacionamento é bom, trazendo que: *“Como a gente trabalha com parte da terapia o nosso trabalho tá inserido no contexto terapêutico do local, então a gente meio que vai seguindo e vai sendo acompanhado pela equipe, então as relações são ótimas”*. Sobre a visão que as equipes têm do projeto, o entrevistado diz que: *“ (A equipe vê) de forma superpositiva até porque são, normalmente, são eles que chamam a gente para fazer o projeto. Então, na questão dos pacientes a equipe super apoia, porque consegue rapidamente ver a evolução dos pacientes, e aí acaba trabalhando numa parceria super legal com a gente”*.

Para o entrevistado C2, a equipe também é receptiva ao trabalho: *“Eu acho que é bem tranquila essa parte assim, da equipe receber a gente, a equipe que topou receber os cachorros é super ok essa parte assim, nunca teve problema não”*. Além disso, o entrevistado aponta que não são só os pacientes os beneficiados pela IAA, mas também a equipe: *“Já vi médico pedindo licença para a criança, tipo ‘aí dá licença que agora sou eu, por favor, para eu tirar uma foto’*. *Então a gente também teve que mudar a chave, a gente vai para as pessoas que quiserem, seja médico, enfermeira, acompanhante, qualquer um, porque no fim todo mundo está precisando ali, não é fácil o negócio”*.

Já o entrevistado C3 explica que nem todos os profissionais são receptivos a presença do cão, sendo a equipe de enfermagem a mais aberta, dizendo que: *“As equipes de enfermagem sempre foram muito, muito receptivas. As equipes médicas tinham de tudo um pouco, a gente tinha desde o médico que praticamente sentava no chão para brincar com cachorro junto, até o médico que ia lá denunciar na CCIH (Centro de Controle de Infecção Hospitalar) que tinha cachorro dentro do hospital e que aquilo era um absurdo”*. Ainda sobre a relação com os profissionais da enfermagem, o entrevistado conta o que já ouviu das equipes sobre o trabalho que era realizado: *“A equipe de enfermagem fazia observações empíricas, obviamente, mas de melhor manuseio, que o paciente estava melhor, que o paciente ficava melhor humorado no dia que a gente ia, enfim, a gente ouvia esse tipo de feedback”*.

5.2.2.4 A reação dos pacientes

Esta categoria se formou após falas dos entrevistados sobre percepções de mudanças nos pacientes frente à vista da equipe de IAA. A maior parte das reações foram classificadas como positivas, com alterações de humor e até mesmo melhor expressão das emoções.

Segundo o entrevistado C1, a reação dos pacientes a chegada da equipe com os cães é, em sua maioria, positiva: *“ (A reação) a grande maioria é surpresa, e isso é um grande fator pro trabalho, né, então essa surpresa faz com que você, por alguns segundos ou minutos, você tira o paciente daquele local, né, [...] Você tem a atenção do paciente no seu cachorro e isso faz com que ele diminua a tensão na questão de estar doente. [...] Essa questão da surpresa invariavelmente tem um sorriso... Então essa alteração momentânea que o paciente tem já é algo superpositivo”*. Além disso, C1 comenta sobre a potencialidade de incluir o cão no trabalho com os pacientes, e o que o animal provoca nos indivíduos: *“O fator cachorro que*

acaba ajudando muito na questão da expressão das emoções. [...] (O cão) faz com que eles tenham essa alteração de humor e aí facilite muita a questão da expressão das emoções, acho que esse é o grande, a grande sacada dos cachorros então eles diminuem as resistências”.

Segundo C2 há uma modificação no humor dos pacientes com a visita dos cães: *“Tem uma diferença. Tem criança que daí se anima para sair do quarto, porque às vezes o atendimento é na brinquedoteca, então a criança tem que sair do quarto para ir até a brinquedoteca. [...] A interação, a comunicação, é bem legal, essa parte é imediata, você entra e a coisa já acontece”.*

Para o entrevistado C3 as reações dos pacientes também eram positivas: *“ A gente já teve reações muito interessantes, a gente teve criança que saia gritando ‘o cachorro chegou, o cachorro chegou’, saia avisando as outras crianças”.* Porém, outro aspecto interessante trazido por C3 foi a reação dos adultos: *“A gente percebia nos adultos uma resistência um pouco maior, uma timidez de se aproximar, de começar a tocar o cachorro, bem típico de adulto que tenta se conter, fica sem saber o que é adequado, o que pode parecer infantil, né. Com as crianças não, eles são atirados e ponto”.*

5.2.2.5 Os acompanhantes

Os acompanhantes também foram lembrados nas falas dos entrevistados. Apesar de se pensar que haveria uma resistência da parte deles, o contrário foi relatado pelos condutores, sendo os acompanhantes grandes incentivadores da adesão dos pacientes as atividades propostas.

Sobre o entendimento dos acompanhantes e as possíveis resistências ao trabalho, o entrevistado C1 diz que: *“A resistência dos acompanhantes normalmente é pensar que aquilo*

não é para eles[...]. A surpresa deles é que não, isso não é para gente, então quando eles também têm espaço para eles é algo muito interessante”.

O entrevistado C2 explica que, quando o paciente prefere não receber o cão, o acompanhante tem uma estratégia para não perder a visita, uma vez que também é beneficiado por ela, dizendo que: *“[...] de repente o acompanhante sai do quarto, porque já que a pessoa não quer o acompanhante sai do quarto para ver os cachorros no corredor. Porque ser acompanhante é uma tarefa árdua também, então as vezes eles estão precisando mais do que os pacientes. E aí, várias vezes já, as vezes os dois topam, você entra, mas você vê que o cachorro fica mais com o acompanhante do que com o paciente”.*

Sobre uma possível resistência, por parte dos acompanhantes, para a realização das visitas, o entrevistado C3 traz que, na verdade, o oposto é o que acontece: *“Eles estimulavam, porque era uma ação diferente, tanto de criança, como de adulto, de ir lá e falar: ‘não, vamos lá ver os cachorros, vamos lá’. Tirar o paciente da cama e levar até lá, porque era uma forma de fazer o paciente andar, era uma forma de tirar o paciente do quarto. O motivador era interessante”.*

5.2.2.6 O ambiente nas visitas

Para todos os entrevistados a presença dos animais modifica positivamente o ambiente hospitalar, trazendo mais leveza e rompendo com a rigidez do contexto. Essa quebra provoca novos tipos de relação entre os indivíduos, que ficam mais horizontais e atenciosas, saindo do automatismo do cuidado.

Segundo o entrevistado C1, o ambiente hospitalar se modifica positivamente com a presença dos cães, o que é percebido por pacientes e equipe de saúde: *“Nos cuidados paliativos*

mesmo que a gente faz o trabalho com a equipe, a equipe referia que a quarta-feira [...], acontecia de forma diferente, né, justamente porque a gente tinha esse atendimento pela manhã e isso se prolongava longo do dia, esse bem-estar digamos assim”. Além disso, para ele a quebra de rotina trazida pelos cães também melhorava a relação entre equipe e paciente: “Muitas vezes o enfermeiro ou, enfim, o técnico, seja lá quem for, pega um tempinho e sai por segundos, minutos, daquela atividade para interagir com os cães. E a gente percebe que só esse momento já é algo que quebra a rotina e algo que já traz uma satisfação para eles, e já faz com que eles voltem para os pacientes menos no automático, isso que é muito legal, né, já não volta naquela coisa de fazer o automático, volta já com um pouco mais de atenção, um outro sorriso, isso também ajuda bastante na questão da relação com os pacientes”.

Para o entrevistado C2, a presença do cão provoca uma quebra no ambiente hospitalar: *“Eu acho que tem uma transformação daquilo que era muito rígido que é isso que você vê as vezes assim, aí a pessoa está toda alinhada, de salto alto tudo, né, engravatado, aí quando você vai ver o cara está se jogando no chão para tirar uma foto com o cachorro”. Além desse rompimento, C2 também traz que: “É porque as pessoas ficam, sabe? Felizes parece. Parece que aperta um botãozinho para ‘aí meu deus alguma coisa que parece que estou em casa’, que traz a afetividade acho. Por isso acho que as emoções ficam também afloradas”.*

O entrevistado C3 fala sobre a presença do cão no ambiente como uma maneira de descontrair o ambiente: *“A primeira grande mudança é você perceber a formalidade, é a quebra da formalidade, não da seriedade, mas da formalidade do ambiente hospitalar. Ficava uma coisa muito mais informal, muito mais próxima e muito mais fraterna, entre as pessoas e os pacientes, entre os funcionários no geral e os pacientes”. C3 revelou também que a equipe buscava estratégias de ver os cães durante a visita: “Pessoas que usavam o seu horário de café para ir ver os cães, não eram pacientes, eram funcionários do hospital. [...] então o cara saía, mudava de andar e ia lá onde estavam os cães. Outros iam esperar os cães na recepção do*

hospital, porque sabiam que tinha uma reunião prévia e se colocavam ali para ter contato com os cães”.

5.2.2.7 Regulamentação das IAAs

A regulamentação das intervenções no Brasil foi um importante ponto discutido pelos condutores. Para eles, a prática exige seriedade e conhecimento a respeito do trabalho, para que seja benéfica, tanto para o cão, quanto para os indivíduos. Além disso, a regulamentação traria maior reconhecimento para a área, a profissionalizando.

A respeito da ausência de regulamentação para a prática de IAAs no Brasil, o entrevistado C1 comenta: *“A gente tem uma questão de regulamentação e de diversos trabalhos sendo executados que a gente vê que não tem muitos critérios é, terapêuticos, com relação ao paciente, com relação ao cão, ao bem-estar do cão[...]. Num contexto mais macro tem muita coisa a ser mudada, justamente dentro desses preceitos e técnicas, né. E a desconstrução de que é bonitinho, e sim que é uma ferramenta terapêutica e tem que ser muito bem utilizada, porque se ela não for bem utilizada ela também pode trazer problema, para o paciente e para o cachorro”.*

Para o entrevistado C2, a regulamentação ajudaria no reconhecimento do trabalho: *“Eu tenho o desejo de que seja um trabalho mais sério, reconhecido. Porque assim, você vê muita gente quase que banalizando o negócio [...]. Tem protocolos internacionais, você acha na internet, procura informação, não é ‘eu acho que meu cachorro é bonzinho eu cato ele e levo para dentro de um hospital’, ainda tem bastante gente que faz isso, bastante gente que pensa que é isso”.*

Para o entrevistado C3 uma regulamentação auxiliaria a frear trabalhos que prejudicam o bem-estar dos cães: *“O que eu acho que precisa, de qualquer maneira, e aí eu acho que talvez a gente consiga via pós-graduações e etc. É gente séria, que saiba o que está fazendo e que saiba direcionar os profissionais para que a gente não tenha tanta gente satisfazendo o ego às custas do bem-estar do cachorro. Eu digo que as intervenções assistidas elas trabalham montadas em um tripé, que é o cachorro, o terapeuta e o paciente, e se um dos três não está bem nessa história isso está errado, você não pode ter o bem-estar de um em detrimento do outro”*.

5.2.2.8 O trabalho de condutor

O sentimento de gratidão e realização com o trabalho predominou entre os entrevistados quando se falou sobre o ser condutor. Um ponto importante foi a questão do voluntariado, que dificulta a manutenção desse trabalho, que pela ausência de remuneração não permite dedicação exclusiva.

Sobre a percepção acerca do trabalho como condutor, o entrevistado C1 falou sobre a realização que sente com o projeto e como a presença do animal se tornou essencial em seu trabalho, dizendo que: *“ (É) extremamente gratificante. É uma opção que eu fiz há muitos anos atrás e a cada vez mais[...], eu vejo como os cães têm uma capacidade de formação de vínculo, de ajudar as pessoas a se expressarem, que facilita muito meu trabalho, então hoje eu confesso que eu não consigo ver o meu trabalho sem os cães, né, acho que todas as intervenções que eu executo sem a presença dos cães não teriam o mesmo impacto”*.

O trabalho em IAA como sendo uma missão é trazido pelo entrevistado C2, onde ressalta que: *“Eu sempre tive vontade de fazer trabalho social, mas eu nunca tinha conseguido,*

eu acho, me identificar com alguma coisa e aí juntou essa parte, né eu acho que é onde você pode desenvolver, fazer a realização profissional como psicólogo, porque você está o tempo inteiro ali recrutando pessoas[...]. Você tem que dar continência para as pessoas, é um trabalho que envolve muita afetividade porque tem o afeto com o animal, tem as trocas com os pacientes, então eu acho que é isso, eu acho que é uma missão que graças a Deus eu consegui encontrar, juntar tudo que eu gosto para poder fazer né, estruturar. Eu acho que é mais ou menos por aí”.

Para C3 o trabalho promove uma realização, porém não se sustenta plenamente por questões financeiras, dizendo que: *“quando eu penso em intervenção assistida eu junto meus dois melhores mundos, que é lidar com as pessoas, tentar melhorar a vida dessas pessoas, em contato direto com os cães, que estão ali disponíveis também para melhorar a vida das pessoas. Então para mim é a junção dos meus dois melhores mundos, eu viveria disso fácil se eu arrumasse quem me pagasse para trabalhar disso. Eu por mim viveria disso, se eu pudesse seria disso que eu viveria”.*

6. DISCUSSÃO

Durante a análise dos resultados, conforme o encontrado na literatura e entrevistas, diferentes siglas e definições são utilizadas para designar as práticas englobadas pelas Intervenções Assistidas por Animais. A Terapia Assistida por Animais é descrita por Phung *et al.* (2017) como uma ferramenta terapêutica, com objetivos específicos e foco em um resultado. Para Chu *et al.* (2009), a TAA utiliza determinados animais em conjunto com atividades integradas a um plano de tratamento estruturado, com destaque para a terapia. Já a Atividade Assistida por Animais é caracterizada por Chu *et al.* (2009) como menos rígidas, com estrutura livre, visando objetivos gerais de melhoria do bem-estar dos pacientes.

Além dessas denominações, na revisão também foram encontrados termos como: Terapia Facilitada por Animais, utilizado por Urbanski e Lazenby (2012), Pet Terapia, empregado por Lynch *et al.* (2014) e Psicoterapia Assistida por Caninos, citado por Nurenberg *et al.* (2015). A falta de padronização nos termos referentes a IAA pode ser um dificultador no processo de revisão bibliográfica.

Os cães foram os animais empregados em todas as intervenções da literatura, assim como nos projetos de todos os entrevistados. Além deles, cavalos também foram empregados por Nurenberg *et al.* (2015) em seu estudo, a fim de comparar o uso da TAA e o tratamento padrão para pacientes psiquiátricos com comportamento violento. O resultado da pesquisa apontou que a Psicoterapia Assistida por Equinos estava associada a diminuição da violência, efeito que se manteve por vários meses. Surpreendentemente, os efeitos da Psicoterapia Assistida por Caninos (PAC) nos pacientes não foram detectados, divergindo do que se encontra com maior frequência na literatura. Segundo o autor, a ausência de efeitos da PAC no grupo acompanhado pode estar relacionada com uma baixa ocorrência de incidentes violentos antes da intervenção.

A maior parte dos protocolos de saúde dos cães utilizados pelos entrevistados estão em consonância com o indicado por Chubak e Hawkes (2016), em seu estudo sobre as práticas e políticas de AAA nos principais hospitais de oncologia pediátrica dos Estados Unidos. As autoras apontam que os animais devem passar por exames de saúde anuais, ter a vacinação contra raiva e parvovírus em dia e ser banhados no dia anterior a visita.

A justificativa apresentada pelo entrevistado C1 para a realização de banhos quinzenais, e não 24 horas antes da intervenção, foi a carga de trabalho dos cães, que realizam várias terapias durante a semana, sendo inviável banhá-los no dia anterior a visita. Apesar de evidências da literatura mostrarem que os números de infecções hospitalares não aumentam após a visita de animais de IAA, o banho antes da intervenção está no protocolo de diferentes estudos (MARCUS, 2012; CHUBAK E HAWKES, 2016). No caso de banhos quinzenais talvez o risco de contaminação, tanto para os humanos, quanto para os cães, seja aumentado. Deve-se pensar em um debate mais aprofundado a respeito da realidade de trabalho, além de investigar novos protocolos, mais condizentes com esta realidade.

A questão comportamental dos cães foi abordada por Marcus (2012) em sua revisão de literatura sobre a utilização de IAA como um tratamento complementar para o protocolo convencional de pacientes com câncer. O autor relata que os cães de terapia são treinados para não terem reações negativas frente a situações e comportamentos inesperados dos pacientes, assim como não latir ou pular. Essas mesmas características comportamentais foram descritas pelo entrevistado C1 como as necessárias para um cão de terapia, porém não se falou sobre um treinamento para além dos comandos básicos, mas sim uma seleção de animais que apresentem esse perfil.

Assim como o apontado pelos três entrevistados acerca das resistências e desafios para o desenvolvimento das intervenções no ambiente hospitalar, Chubak e Hawkes (2016) indicam que a principal justificativa para o impedimento das visitas de AAA é o controle de infecção e

regulamentos de prevenção. Em seu estudo, Marcus (2012) classifica a preocupação com a dissipação de infecções como um dos entraves para a realização dos projetos. Ainda sobre a questão das infecções, Abrahamson *et al.* (2016) em entrevistas semiestruturadas feitas com membros da equipe de um hospital, traz que um enfermeiro participante do estudo considerou importante que os cães não tivessem acesso a determinadas áreas do hospital, devido uma preocupação com o controle de infecções. Além dele, Chubak *et al.* (2017) ao perguntar sobre receios que os colaboradores de um hospital teriam frente a realização de AAA, dois membros relataram que a apreensão está ligada ao risco de infecções.

Contrariando a crença de alguns profissionais da saúde, Marcus (2012) afirma que em um ano de visitas semanais a um hospital infantil, o comitê de infecção hospitalar estabeleceu que as taxas de infecção não se alteraram, comparando com o mesmo período anterior ao programa de TAA. Assim como o exposto pelo entrevistado C3 ao falar sobre o risco de contaminação, Donowitz citado por Urbanski e Lazenby (2012) declara que as visitas recebidas por um paciente hospitalizado representam um risco mais elevado a infecções do que as IAAs. Corroborando com os entrevistados, Silva e Osório (2018) trazem, em seu estudo sobre um protocolo de intervenção e segurança na TAA com crianças em tratamento oncológico, que durante o período da pesquisa não houve piora clínica das crianças acompanhadas.

Outras resistências, citadas pelo entrevistado C3, como a dificuldade de reconhecimento das práticas de IAA como humanizadoras, benéficas e da potencialização que elas podem oferecer nas medicações, também são tratadas por Ichitani e Cunha (2016). Em sua pesquisa sobre os efeitos da AAA na expressão de dor autorreferida em crianças e adolescentes, as autoras destacam que os cães podem fornecer uma abordagem humanizada no tratamento dos pacientes, baseando-se nos inúmeros relatos que tiveram ao longo de suas vivências em IAAs. Porém, as pesquisadoras ressaltam a importância de um estudo aprofundado, a fim de oferecer evidências científicas a essas observações. Além disso, Moreira *et al.* (2016) ressaltam em sua

pesquisa, sobre a percepção que enfermeiros e responsáveis tem a respeito TAA, que os profissionais de saúde desconhecem os objetivos terapêuticos das práticas. Apesar de as identificarem como benéficas, eles não notam que as mudanças vão além de questões superficiais, sendo mais complexas do que uma simples distração.

Sobre a relação com a equipe de saúde, Moreira *et al.* (2016) diz que os profissionais de enfermagem relataram uma sensação de tranquilidade após a visita dos cães, assim como uma mudança de comportamento positiva nos pacientes, proporcionada pela interação com o cão. Em seu estudo, Chubak *et al.* (2017) aponta que boa parte dos profissionais da equipe de saúde consideravam que a visita do animal teve um efeito positivo nos pacientes, relatando informalmente que aquela seria a primeira vez após um longo período de tempo que a criança sorria e ficava feliz. A melhora da experiência dos pacientes também foi descrita por Abrahamson *et al.* (2016), dizendo que as visitas de AAA auxiliaram as crianças a entender melhor o ambiente hospitalar. Os dados encontrados na literatura corroboram com a fala dos entrevistados, que relatam que as equipes percebem mudanças de comportamento e humor nos pacientes acompanhados.

Para Stevens *et al.* (2017) em sua pesquisa sobre o efeito da visita de cães sobre a satisfação de pacientes internados por traumas, com os médicos que os assistiram, os efeitos das interações na equipe foram inesperados. Segundo o autor, os profissionais de saúde esperavam ansiosamente pelas visitas, levavam petiscos para os animais e aguardavam a chegada dos cães para cumprimenta-los. Além disso, alguns profissionais solicitavam uma visita para a equipe ou até para si depois de um dia estressante, assim como para seus pacientes. Deste mesmo modo, Ichitani e Cunha (2016) relatam terem recebido de algumas enfermeiras solicitações de visitas para pacientes que não estavam no foco do estudo. Para o entrevistado C2 as intervenções não devem ser voltadas somente aos pacientes pois, na sua visão, a equipe

também necessita de cuidados e se beneficia com as práticas, assim como é apontado pelos autores citados.

Nas entrevistas de Abrahamson *et al* (2016) com a equipe de saúde, o autor relata que grande parte dos profissionais desejam acariciar os animais sempre que eles chegam ao local da intervenção, bem como ficam animados com as visitas e sentem falta dos cães quando eles não vão. Essa conexão com os animais se estendeu para além do local de trabalho, uma vez que os entrevistados relataram conversar com sua família e amigos sobre os cães. Além disso, os resultados indicaram uma redução no estresse da equipe, que se sentia mais feliz e relaxada ao interagir com os cães. Ademais, o autor traz que os animais promoveram uma maior interação social entre enfermeiros e pacientes, atuando como um facilitador.

Ainda sobre a relação com a equipe, Bibbo (2013) em seu estudo sobre a percepção de membros da equipe de saúde sobre a implantação de um programa de AAA, obteve como resultado que as crenças dos profissionais antes da chegada do programa influenciaram o modo como estes viam a AAA. Segundo a autora, percepções negativas acerca das atividades se relacionaram a crenças negativas sobre a instalação do programa, assim como as positivas se correlacionaram a crenças positivas a respeito da AAA.

Segundo Bibbo (2013), outro fator que também modificou a percepção da equipe em relação ao programa foi a interação com as atividades. Os profissionais que tiveram contato com a intervenção reagiram de maneira mais favorável à sua implementação. A autora aponta que a maneira como a equipe vê a AAA tem grande influência sobre a aceitação e receptividade ao projeto. Para além disso, a pesquisa também evidencia que a interação dos profissionais com as atividades também os beneficia, aliviando o estresse e melhorando o humor, sem criar um trabalho extra para a equipe.

É possível traçar um paralelo entre a fala do entrevistado C3, em que conta sobre a aceitabilidade da equipe de enfermagem e a denúncia por parte de um médico, com o trazido por Bibbo (2013) a respeito da influência do contato da equipe com as atividades e a receptividade ao projeto. São os enfermeiros que passam a maior parte do tempo com os pacientes e, conseqüentemente, acabam presenciando e por vezes participando das intervenções. Diferentemente delas, os médicos podem acabar rechaçando as visitas por não as vivenciar e desconhecerem suas potencialidades.

Assim como o relatado pelos entrevistados da presente pesquisa, uma modificação no ambiente hospitalar foi percebida por Ichitani e Cunha (2016), descrevendo que os cães eram reconhecidos por diferentes profissionais da unidade, como guardas, equipe de limpeza e recepcionistas. Fora isto, as autoras relatam que ao chegar no quarto para a intervenção o local, antes fechado e escuro, era aberto e se iluminava, pacientes que não levantavam saíam da cama e pediam até mesmo para que arrumassem seus cabelos ou trocassem suas roupas.

Em relação a reação dos pacientes frente a visita dos cães de terapia, o relatado pelo entrevistado C1, sobre a ajuda do animal na expressão das emoções, pode estar relacionado ao achado de Parello *et al.* (2018), em seu estudo sobre os efeitos da IAA em veteranos do serviço militar em cuidados paliativos. Comparou-se a visita do cão, seu condutor e um psicólogo com somente a visita do profissional e, segundo o autor, a presença do animal facilitou com que a conversa se encaminhasse para assuntos mais profundos, como medos, preocupações, o adoecimento e esperanças para o futuro.

Os participantes do estudo de Parello *et al.* (2018) relataram aguardar as intervenções, desejando que pudessem receber uma visita diária enquanto estivessem hospitalizados. Esta questão da facilitação da expressão das emoções pode justificar a importância da presença de um psicólogo na equipe de IAA, uma vez que este profissional detém um olhar diferenciado

para as questões que cercam o adoecimento, além de saber manejar os assuntos difíceis que podem emergir.

Boa parte dos artigos trazem em seus resultados os benefícios das intervenções. Para Marcus (2012) as visitas podem reduzir significativamente a ansiedade, fadiga, dor e depressão em pacientes com diferentes diagnósticos, sendo um possível tratamento complementar para indivíduos hospitalizados com câncer. Em sua revisão integrativa da literatura sobre o uso da IAA em crianças com câncer, Urbanski e Lazenby (2012) indicam que as práticas permitem diminuição da dor e estresse, aumentando a autoestima, melhorando o humor e a socialização dos pacientes.

Ao investigar os efeitos da TAA em adultos, os resultados obtidos por Phung *et al.* apontam uma redução na dor, ansiedade, fadiga e melhora no humor. Além disso, os pacientes disseram se sentir energizados, solicitando que os cães continuassem próximos. A redução nos níveis de dor autorreferida também foi encontrada por Ichitani e Cunha (2016). Após sua revisão bibliográfica sobre a IAA, Waite (2018) conclui que a intervenção pode ser eficaz para ocasionar mudanças na ansiedade, dor e angústia dos pacientes assistidos.

Ainda com pacientes adultos, Lynch *et al.* (2014) realizou uma pesquisa sobre os benefícios da TAA para mulheres hospitalizadas com gestação de alto risco. As pacientes tiveram redução significativa nos sintomas de ansiedade e depressão, indicando de que terapia pode promover alívio e acalma-las durante a internação.

Para Harper *et al.* (2015) o uso dos cães de terapia pode ajudar a melhorar a recuperação de pacientes adultos após a artroplastia total da articulação, diminuindo a sensação de dor e promovendo maior satisfação com a permanência na internação. Nos cuidados paliativos de indivíduos adultos, Macdonald e Barrett (2016) encontraram evidências de que pode haver uma correlação entre a companhia dos animais e uma melhora da saúde física, emocional e

psicológica dos pacientes, podendo a IAA acrescentar múltiplos benefícios ao cuidado desse tipo de sujeito.

Também foram encontrados achados em pacientes psiquiátricos. Em seu estudo, Chu *et al.* (2009) avaliou os efeitos da AAA em pacientes com esquizofrenia, tendo como resultados uma melhora da autoestima, sintomas positivos e emocionais dos indivíduos. Além disso, os pesquisadores notaram que a sua relação com os pacientes aconteceu de forma mais confortável com a presença do cão, assim como os participantes demonstravam estar mais felizes, ativos e afetuosos.

Já com crianças e adolescentes com transtornos mentais agudos que receberam sessões de TAA, Stefanini *et al.* (2015) concluiu que os benefícios da terapia não são apenas promoção geral de bem-estar, podendo acrescentar ao processo de integração social adaptativa, descrito como conjunto de habilidades de participação e interação social com adultos. Segundo o autor, os pacientes tiveram melhorias comportamentais, no funcionamento global, habilidades sociais e diminuição do tempo de internação, que perduraram para além da participação na pesquisa.

Na população de crianças e adolescentes, Hinic (2019) buscou comparar os efeitos da TAA com uma situação em que os indivíduos montavam quebra-cabeças. As duas ocasiões afetaram o nível de ansiedade dos participantes, porém a terapia com o cão diminuiu de forma mais eficaz os escores de ansiedade.

Contrariando esse achado, Branson *et al.* (2017) em seu estudo sobre a atuação da AAA em respostas de estresse, concluiu que as crianças que receberam a intervenção não tiveram reduções significativamente maiores do nível de ansiedade quando comparadas com o grupo controle. Porém, os resultados de Silva e Osório (2018) indicam melhora em indicadores de dor, estresse, depressão e irritação nas crianças observadas. Para Vagnoli *et al.* na pesquisa sobre o uso da IAA como redutor de dor e angústia de crianças durante a punção venosa, a

presença do cão promoveu menor sofrimento, ajudando a baixar o medo e ansiedade dos pacientes.

Ao investigar a utilização da AAA para crianças internadas em oncologia pediátrica, Chubak et al (2017) concluiu que a visita reduziu o cansaço, medo, tristeza e dor dos pacientes. Também foram encontrados efeitos nos pais que acompanhavam os participantes, que na grande maioria se sentiam ansiosos para a visita, sorriram ao ver os cães, se sentiam mais animados e descontraídos, conversando com o condutor sobre a intervenção e animais de estimação que tem em casa.

Efeitos da intervenção nos acompanhantes também foram relatados por alguns autores. Segundo Hinic (2019), os pais que acompanhavam os filhos nas visitas se sentiram beneficiados da intervenção, tanto por melhoras no bem-estar da criança, quanto em seu próprio bem-estar. No estudo de Silva e Osório (2018) os cuidadores que acompanhavam as crianças tiveram melhora significativa no humor e diminuição da confusão mental, além de diminuição em sintomas depressivos. Esses achados corroboram com o relatado pelos entrevistados, de que os acompanhantes também precisam de atenção e podem se favorecer das visitas, assim como os pacientes.

A questão da regulamentação, indicada pelos entrevistados como uma necessidade, apareceu nos artigos da revisão como um dos critérios metodológicos para o desenvolvimento das pesquisas. As equipes de IAA que realizaram visitas em hospitais dos autores Chubak e Hawkes (2016), Marcus (2012), Harper *et al.* (2015), Chubak *et al.* (2017) e Abrahamson *et al.* (2016) necessitavam de alguma certificação em órgãos regulamentadores, como a *Delta Society*, e *Therapy Dogs International*, para que o projeto pudesse acontecer.

No Brasil, não há uma lei, de âmbito federal, que disponha sobre o uso das IAAs em hospitais, mas existem alguns projetos como a PL 4455/2012 do deputado Giovani Cherini

(PDT), que trata sobre a utilização de TAA em hospitais públicos conveniados e cadastrados no Sistema Único de Saúde (SUS) como uma prática integrativa. (TEIXEIRA, 2015)

Segundo Cunha e Zanoni (2017) vários países como Estados Unidos, Canadá e Portugal possuem legislação específica sobre as IAAs. Desde 2016 tramita no senado brasileiro um projeto de lei nº 5.083 da deputada Mara Gabrilli, que dispõe sobre as intervenções e a utilização de animais nas práticas. Há algumas leis estaduais e municipais, de diferentes locais, que tratam sobre a TAA e permitem a visitação de animais domésticos e de estimação em hospitais públicos, porém, por disporem de contextos focais, podem acontecer diferenças nas regulamentações das práticas conforme a região.

Não foram encontrados estudos que tratasse do trabalho ou perfil desejado do condutor nas intervenções. Porém, Bibbo (2013) ressalta em sua pesquisa que esses profissionais têm importante papel no contexto do projeto, uma vez que podem também oferecer um suporte social ao paciente, porém, por vezes, o potencial de seu trabalho acaba sendo desconsiderado.

Bibbo (2013) aponta que o condutor teve grande importância para a aceitabilidade da equipe de saúde frente a AAA, uma vez que um dos resultados da pesquisa sugeriu forte correlação entre a satisfação de interagir com o condutor e a manutenção da intervenção no local. Segundo este resultado pode-se pensar que o papel do condutor, para a realização da intervenção, vai além de manejar o cão, sendo importante também para a continuidade do projeto no local assistido.

Dos artigos encontrados na revisão, apenas Bibbo (2013) discute a importância do papel do condutor, que nem é considerado pelos demais estudos. A negligência com o trabalho destes profissionais, os condutores dos cães, pode estar relacionada com a ausência de remuneração pelo trabalho, visto que na maioria dos programas atuam de forma voluntária.

Além disso, Teixeira (2015) aponta uma ausência de reconhecimento da profissão pelos conselhos federais de psicologia e de medicina veterinária, além da inexistência de um sindicato

para esses trabalhadores. Segundo o autor há um embate social por este campo de conhecimento e do reconhecimento da atividade.

Há uma aquecida discussão para definir se a TAA deve ser atividade própria do campo psi, argumentos que levam em consideração a demanda de um bom conhecimento dos transtornos mentais, para tratar dos pacientes; E a medicina veterinária, argumentando que a terapia só seria possível se o terapeuta humano conhecer as possibilidades de interação do animal com o mundo. (TEIXEIRA, 2013, p. 141).

7. CONCLUSÃO

A presente pesquisa buscou identificar publicações acerca das Intervenções Assistidas por Animais a fim de verificar os efeitos das práticas para o ambiente hospitalar e pacientes acompanhados. Ademais, se procurou também um outro olhar das intervenções, por meio de entrevistas com os condutores dos animais, uma vez que são estes os profissionais que realizam as visitas e vivenciam os desafios do trabalho em seu cotidiano.

Associando os resultados obtidos na revisão de literatura com as entrevistas dos condutores pode-se concluir que a IAA traz importantes benefícios aos pacientes de diferentes faixas etárias. Em crianças e adolescentes as intervenções se mostraram redutoras mais eficazes da ansiedade, estresse e irritação. A presença do cão também reduziu a dor durante procedimentos, como a punção venosa, sendo uma estratégia interessante para o cuidado deste tipo de população.

Nos adultos e idosos, melhorias nos sintomas depressivos, de angústia e ansiedade são amplamente discutidos. Para além das benfeitorias físicas, um dado que chama a atenção por sua importância para a psicologia é o aprofundamento em assuntos delicados em conversas com psicólogos na presença do cão coterapeuta. Este dado, além de enfatizar a importância deste profissional na equipe de IAA, pode abrir novas possibilidades para a psicologia hospitalar, podendo se pensar no emprego de cães como facilitadores do atendimento de indivíduos nesse contexto.

Os benefícios das intervenções não são sentidos somente pelos pacientes assistidos, também sendo relatados pelos profissionais de saúde que trabalham nos hospitais. Além de facilitar uma maior interação social entre paciente e enfermeiro, e melhorar o manejo dos pacientes, as

equipes de enfermagem solicitavam, depois de dias estressantes, visitas para si, uma vez que se sentiam mais tranquilas após a presença dos cães.

Portanto, pode se concluir que o ambiente hospitalar como um todo se modifica ao receber as visitas. Segundo os entrevistados, é como se o lugar sofresse uma quebra em sua rigidez, trazendo descontração e leveza para o local, o que acaba contagiando a todos. Relatos subjetivos de uma modificação também foram encontrados na literatura, podendo indicar que a IAA seria uma alternativa de humanização no atendimento em saúde.

Por se tratarem de práticas relativamente novas no campo da saúde, não existem estudos longitudinais que busquem avaliar os impactos das intervenções a longo prazo, tanto nas equipes de saúde, quanto no ambiente hospitalar como um todo. Apesar de pesquisas sugerirem o contrário, ainda há uma grande preocupação com disseminação de infecções, uma das principais barreiras para a ampliação das intervenções no contexto hospitalar, e consequentemente de pesquisas na área, que ainda se fazem necessárias para aprofundamento nos benefícios e mecanismos que os cercam. Ademais, também são necessários mais estudos sobre o uso da IAA como um recurso de trabalho para o psicólogo hospitalar, buscando evidenciar as vantagens que esse tipo de prática possui para o campo subjetivo.

8. REFERÊNCIAS

ABRAHAMSON, K. *et al.* Perceptions of a hospital-based animal assisted intervention program: An exploratory study. **Complementary Therapies In Clinical Practice**, v. 25, p.150-154, nov. 2016.

ALBUQUERQUE, N. S.; CIARI, M B. Cães e seres humanos: uma relação forte, complexa, duradoura e vantajosa. In: CHELINI, M. O. M.; OTTA, E. (Org.). **Terapia Assistida por Animais**. São Paulo: Manole, 2016. cap. 1, p. 1-22.

BIBBO, J. Staff members' perceptions of an animal-assisted activity. **Oncology Nursing Forum**, [s.l.], v. 40, n. 4, p. E320-E326, July 2013.

BONI, V.; QUARESMA, S.J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005.

BRASON, S. M. *et al.* Effects of Animal-assisted Activities on Biobehavioral Stress Responses in Hospitalized Children: A Randomized Controlled Study. **Journal of Pediatric Nursing**, [s.l.], v. 36, p. 84-91, 2017

CHELINI, M. O. M. Apresentação. In: CHELINI, M. O. M.; OTTA, E. (Org.). **Terapia Assistida por Animais**. São Paulo: Manole, 2016. p. XIII-XVIII.

CHU, C. *et al.* The effect of animal-assisted activity on inpatients with schizophrenia. **Journal of Psychosocial Nursing & Mental Health Services**, [s.l.], v. 47, n. 12, p. 42-49, 2009.

CHUBAK, J., & HAWKES, R. Animal-Assisted Activities: Results From a Survey of Top-Ranked Pediatric Oncology Hospitals. **Journal of Pediatric Oncology Nursing**, [s.l.], v. 33, n. 4, p. 289–296, 2016.

CHUBAK, J. *et al.* Pilot Study of Therapy Dog Visits for Inpatient Youth With Cancer. **Journal of Pediatric Oncology Nursing**, [s.l.], v. 34, n. 5, p. 331-341, sept. 2017.

CUNHA, J. S. F.; ZANONI, E. Ensaio de uma cosmovisão teleológica para elaboração de uma legislação específica da TAA (Terapia Assistida por Animais). **RJLB**, [s.l.], ano 3, n. 6, p. 1287-1319, 2017.

ERNST, L. S. *et al.* Animal-assisted therapy: paws with a cause. **Nursing Management**, Chicago, v. 44, n. 3, p. 16-21, 2013.

FOSSI, L. B.; GUARESCHI, N. M. A psicologia hospitalar e as equipes multidisciplinares. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 29-43, jun. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582004000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 nov. 2018.

GINEX, P. *et al.* Animal-Facilitated Therapy Program: Outcomes from Caring Canines, a Program for Patients and Staff on an Inpatient Surgical Oncology Unit. **Clinical journal of oncology nursing**, [s.l.], v. 22, n. 2, p. 193-198, 2018.

HARPER, C. M. *et al.* Can Therapy Dogs Improve Pain and Satisfaction After Total Joint Arthroplasty? A Randomized Controlled Trial. **Clinical Orthopedics and Related Research**, [s.l.], v. 473, n. 1, p. 372-379, 2014.

HINIC, K. *et al.* The Effect of a Pet Therapy and Comparison Intervention on Anxiety in Hospitalized Children. **Journal of Pediatric Nursing**, [s.l.], v. 46, p. 55-61, May-June 2019

ICHITANI, T.; CUNHA, M. C. Atividade assistida por animais e sensação de dor em crianças e adolescentes hospitalizados. **Rev. dor**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 270-273, dec. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-00132016000400270&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 nov. 2018.

ICHITANI, T.; CUNHA, M. C. Effects of animal-assisted activity on self-reported feelings of pain in hospitalized children and adolescents. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 29, n. 43, p. 1-10, oct. 2016 .

KAWAKAMI, C. H.; NAKANO, C. K. Experiment report: animal assisted therapy (AAT) - another resource in the communication between patient and nurse. In: BRAZILIAN NURSING COMMUNICATION SYMPOSIUM, São Paulo. **Proceedings online**. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP, 2002. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000052002000100009&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 22 nov. 2018.

KOBAYASHI, U. C. T. Desenvolvimento e implantação de Terapia Assistida por Animais em hospital universitário. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 62 n. 4, p. 635-636, jul./ago. 2009.

KRAUSE-PARELLO, C. A. *et al.* Effects of VA Facility Dog on Hospitalized Veterans Seen by a Palliative Care Psychologist: An Innovative Approach to Impacting Stress Indicators. **American Journal of Hospice and Palliative Medicine**, [s.l.], v. 35, n. 1, p. 5–14, 2018.

LYNCH, C. E. *et al.* Pet therapy program for antepartum high-risk pregnancies: a pilot study. **Journal of Perinatology**, [s.l.], v. 34, p. 816-818, june 2014.

MACDONALD, J. M.; BARRETT, D. Companion animals and well-being in palliative care nursing: a literature review. **Journal of Clinical Nursing**, [s.l.], v. 25, n. 3-4, p. 300-310, feb. 2016.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCUS, D. A. Complementary medicine in cancer care: adding a therapy dog to the team.

Current Pain and Headache Reports, New York, v. 16, n.4, p. 289-91, aug. 2012.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo:

Hucitec, Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

MOREIRA, R. L. *et al.* Terapia assistida com cães em pediatria oncológica: percepção de pais

e enfermeiros. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 69, n. 6, p. 1188-

1194, dec. 2016.

MORRISON, M. L. Health Benefits of Animal-Assisted Interventions. **Complementary**

Health Practice Review, [s.l.], v. 12, n. 1, p. 51-62, jan. 2007.

NURENBERG, J. R. *et al.* Animal-assisted therapy with chronic psychiatric inpatients: equine-

assisted psychotherapy and aggressive behavior. **Psychiatric Services**, [s.l.], v. 66, n. 1, p. 80-

86, jan. 2015.

O'HAIRE, M. Companion animals and human health: Benefits, challenges, and the road

ahead. **Journal Of Veterinary Behavior**, v. 5, n. 5, p. 226-234, set. 2010.

PHUNG, A. *et al.* Animal-assisted therapy for inpatient adults. **Nursing**, [s.l.], v. 47, n. 1, p.

63-66, jan. 2017.

ROCHA, C. F. P. G. *et al.* História do relacionamento entre animais humanos e não humanos e

da TAA. In: CHELINI, M. O. M.; OTTA, E. (Org.). **Terapia Assistida por Animais**. São

Paulo: Manole, 2016. cap. 3, p. 45-59.

SAVALLI, C.; ADES, C. Benefícios que o convívio com um animal de estimação pode promover para saúde e bem-estar do ser humano. In: CHELINI, M. O. M.; OTTA, E. (Org.).

Terapia Assistida por Animais. São Paulo: Manole, 2016. cap. 2, p. 23-43.

SERPEL, J. A.; Animal-assisted interventions in historical perspective. In: FINE, A. H. (Ed.). **Handbook on animal-assisted therapy: Theoretical Foundations and Guidelines for Practice**. 3. ed. San Diego: Academic Press, 2010. cap. 2. p. 17-32.

SERPEL, J. A.; KRUGER, K. A. Animal-assisted interventions in mental health: definitions and theoretical foundations. In: FINE, A. H. (Ed.). **Handbook on animal-assisted therapy: Theoretical Foundations and Guidelines for Practice**. 3. ed. San Diego: Academic Press, 2010. cap. 3. p. 33-48.

SILVA, N.; OSÓRIO, F. Impact of an animal-assisted therapy programme on physiological and psychosocial variables of paediatric oncology patients. **PLoS One**, [s.l.], v. 13, n. 4, p. 1-26, apr. 2018.

STEFANINI, M. C. *et al.* The use of Animal-Assisted Therapy in adolescents with acute mental disorders: A randomized controlled study. **Complementary Therapies in Clinical Practice**, [s.l.], v. 21, n. 1, p. 42-46, feb. 2015.

STEVENS, P. *et al.* Use of a Dog Visitation Program to Improve Patient Satisfaction in Trauma Patients. **Journal of Trauma Nursing**, [s.l.], v. 24, n. 2, p. 97-101, 2017.

TEIXEIRA, I. S. *A Terapia Assistida por Animais como uma forma de associação: um estudo antropológico sobre a relação humano-animais na promoção da saúde humana, no Brasil*. 2015. 346 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

TURATO, E. R. **Tratado de Metodologia da Pesquisa Clínico Qualitativa**. Petrópolis: Vozes. 2011.

URBANSKI, B. L.; LAZENBY, M. Distress among hospitalized pediatric cancer patients modified by pet-therapy intervention to improve quality of life. **Journal of Pediatric Oncology Nursing**, [s.l.], v. 29, n. 5, p. 272-282, sept. 2012.

VACCARI, A. M. H.; ALMEIDA, F. A. A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas. **Einstein**, v. 5, n. 2, p. 111-116, 2007.

VAGNOLI, L. *et al.* Can presence of a dog reduce pain and distress in children during venipuncture? **Pain Management Nursin**, [s.l.], v. 16, n. 2, p. 89-95, 2015.

WAITE, T. C. *et al.* A meta-analysis of Animal Assisted Interventions targeting pain, anxiety and distress in medical settings. **Complementary Therapies in Clinical Practice**, [s.l.], v. 33, p. 49-55, nov. 2018.

9. APÊNDICES

a. APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semiestruturada

Idade: _____ Sexo: _____ Escolaridade: _____
Estado Civil: _____ Formação: _____

- 1 – Há quanto tempo trabalha na área de intervenções assistida por animais?
- 2 – Qual tipo de paciente seu projeto visita?
- 3 – Como funciona o projeto, há um protocolo a ser seguido? Quais locais são visitados? Qual a duração do encontro?
- 4 – Quem compõe a equipe, quantas pessoas e cães?
- 5 – Quais as características necessárias para um cão se tornar terapeuta?
- 6 – Quais as características necessárias para ser condutor?
- 7 – Fale um pouco sobre os desafios e resistências que foram enfrentados até conseguir realizar o projeto
10. – Fale um pouco sobre como é o relacionamento com a equipe de saúde. Como você percebe que o trabalho é visto por eles?
11. – Qual a reação dos pacientes e acompanhantes quando vocês chegam? Nota alguma mudança de comportamento/humor?
12. – Percebe alguma resistência por parte dos acompanhantes por se tratar de um animal dentro do hospital?
- 12 – Percebe alguma mudança no ambiente hospitalar antes, durante ou depois das visitas?
- 13 – Como você vê o trabalho que é realizado? O que ele significa para você? Gostaria de mudar algo?

b. APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1/1

Você está sendo convidado para participar da pesquisa intitulada “*As Intervenções Assistidas por Animais no Contexto Hospitalar: Uma Revisão Bibliográfica e Percepções de Condutores dos Animais*”. O objetivo deste estudo é investigar quais os desafios para o desenvolvimento da terapia/atividade assistida por animais no contexto hospitalar e o impacto desta para aquele ambiente, equipe de saúde e pacientes, segundo a ótica dos condutores dos animais.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista guiada que abará conteúdos sobre sua percepção da terapia/atividade assistida que é realizada, seus desafios e benefícios. Os dados serão coletados em uma única sessão em local de sua preferência combinado anteriormente, com duração aproximada de 40 minutos, sendo a entrevista gravada para posterior transcrição. Tudo foi planejado para minimizar os riscos e desconfortos relacionados com a sua participação. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso ao responsável pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. O principal investigador é a Professora Dra. Carine Savalli Redigolo que poderá ser encontrada no endereço Rua Silva Jardim, 136 - Santos/SP - CEP: 11015-020 Telefone: +55 13 3878-3700 / +55 13 3523-5000. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Prof. Francisco de Castro, 55 – São Paulo/SP - CEP:04020-050, Telefone: +55 (11) 5571-1062, FAX: +55 (11) 5539-7162 – E-mail: cep@unifesp.edu.br. É garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo sem qualquer prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. As informações obtidas serão analisadas somente para esta pesquisa e não será divulgada a identificação de nenhum sujeito de pesquisa. Os pesquisadores estarão disponíveis para esclarecimentos da pesquisa. Não haverá despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. O pesquisador afirma seu compromisso de utilizar os dados e o material coletado somente para esta pesquisa.

Este termo de consentimento será disponibilizado em duas vias originais, uma via ficará com o pesquisador e outra com você, ambas serão rubricadas (todas as páginas) pelo pesquisador e por você no momento da aplicação do mesmo.

Eu, _____, abaixo assinado, acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou foram lidas para mim descrevendo o estudo “_____”. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Assinatura do participante de pesquisa

data

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Responsável pela pesquisa:

Nome responsável pesquisa

data